



NARRATIVAS DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE/RS

Patrícia Luiza Gonçalves Trindade¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar e problematizar como quatro docentes (três professoras e um professor) dos Anos Iniciais e Finais da Educação Básica, de uma escola pública de tempo integral do município de Rio Grande/RS têm percebido, discutido e tratado as questões de gênero no espaço escolar e nas suas práticas pedagógicas diárias. A pesquisa qualifica-se como de cunho qualitativo, a qual foi realizada através de entrevistas semiestruturadas. Como resultados finais das discussões e análises das narrativas compreendo, que este estudo possibilitou alcançar os objetivos propostos, ou seja, discutir como esta temática de gênero tem sido tratada no espaço escolar.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Espaço escolar.


Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa realizada durante meu processo de graduação no curso de Pedagogia Licenciatura (FURG/2017), criado através das diversas experiências que tive enquanto monitora de uma escola pública municipal de Ensino Fundamental na cidade do Rio Grande, e nas observações e inserções propostas pelo curso no espaço escolar, pude presenciar algumas situações que se apresentam para mim como importantes atravessamentos, que me mobilizaram e motivaram a realizar esta pesquisa. A maneira como algumas docentes direcionavam as suas propostas pedagógicas, a forma como se dirigiam aos/as alunos/as, na maioria das vezes pontuando as diferenças de gênero, em suas falas, na organização de filas, nas atividades mais comuns como varrer a sala de aula, a organização dos objetos, a decoração da sala de aula em si era realizada com base nos gêneros, nos objetos e cores que “correspondem” ao masculino ou feminino.

Com isso, meu olhar tem se voltado para essas questões ao perceber a relação diária dos/as docentes e seus/suas alunos/as, no sentido de buscar compreender os entendimentos presentes na escola sobre as discussões de gênero nas práticas pedagógicas. Assim, nosso objetivo neste texto é investigar e problematizar como quatro (4) docentes (3 professoras e 1 professor) dos Anos Iniciais, de uma escola pública localizada na periferia do município de

¹ Mestranda da área de Educação, Universidade de Pelotas (UFPeL), p_trindade@yahoo.com.br





Rio Grande, têm percebido, discutido e tratado as questões de gênero no espaço escolar e nas suas práticas pedagógicas diárias.

Referencial teórico

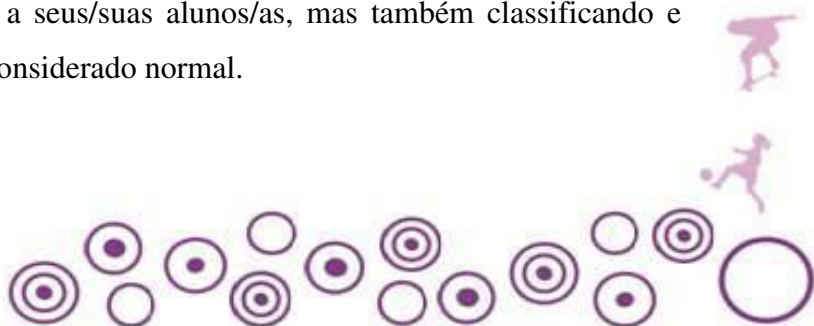
Amparadas pelos estudos da feminista historiadora social norte americana, Scott (1995) que nos diz, “é a constituição social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, que fornece um meio de decodificar o significado e compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (SCOOT, 1995, p.89). Desta forma, nosso olhar deve estar sempre atento às práticas docentes diárias, uma vez que também são essas práticas cotidianas, a linguagem, a disciplina, o não dito, os gestos, que contribuem para diferença de gênero no espaço escolar.


Conforme destaca Meyer (2003) “como nascemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade” (MEYER, 2003, p. 17), assim ela nos possibilita compreender o conceito de gênero, como um elemento organizador da cultura.

Ao longo do tempo algumas justificativas foram sendo produzidas sobre as desigualdades entre homens e mulheres pautadas nas características biológicas de ambos, onde cada um possui um papel na sociedade determinado pelo seu corpo, como, por exemplo, a mulher de gerar e ao homem, o papel do provedor. Neste sentido, foram sendo construídas maneiras de ser homem e mulher as quais nos interpelam desde a infância, produzindo significações que atuam nos processos de constituição destes sujeitos. Conforme Ribeiro (2002),

Desde a mais tenra idade, conforme o sexo com o qual os sujeitos nascem tais sistemas de significação ensinam tipos de comportamentos, brincadeiras, vestuários, desejos, valores, atitudes, prazeres, entre outros atributos sociais que, ao serem inscritos nos corpos, definem a sexualidade e as próprias pessoas. (RIBEIRO, 2002, p. 24)

De acordo com Louro (2007), “a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz” (LOURO, p. 80-81), com a formação do currículo, a escolha dos conteúdos e materiais a serem trabalhados o estabelecimento de relações interpessoais entre os membros da escola e os métodos utilizados no ensino, a escola e os/as professores/as, ditando não apenas comportamentos, concepções e atitudes a seus/suas alunos/as, mas também classificando e punindo aqueles/as desviantes do que é considerado normal.





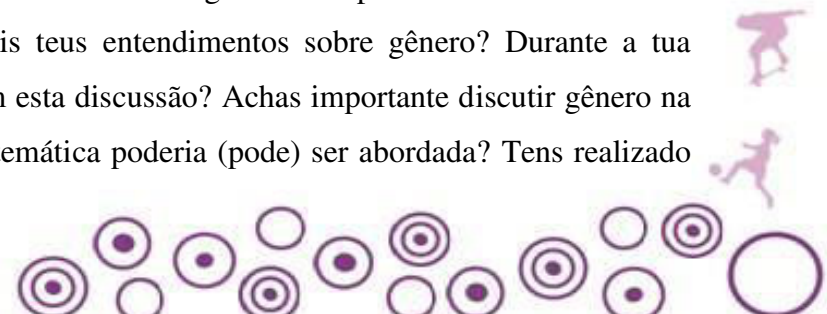
Guizzo (2013) em seu texto Masculinidades e feminilidades em construção na Educação Infantil traz o seguinte questionamento: “Você já imaginou como nós educadores/as, contribuímos para que, desde a infância, as crianças se comportem com os padrões tomados como verdadeiros, adequados e saudáveis para o sexo masculino ou feminino?” (GUIZZO, 2013, p. 29).


Diante deste questionamento, levantado pela autora é necessário sim que nós educadores/as paremos para refletir sobre nossas práticas pedagógicas a cerca da educação para a sexualidade, uma vez que também estamos envolvidos/as nessa trama de propagar a diferença dos gêneros, através dos nossos discursos, gestos e atitudes cotidianas. Pensando, assim, estarem agindo de forma “natural” e correta. Uma vez que, tais práticas estão tão internalizadas na prática pedagógica que se tornam difíceis de serem percebidas e reconhecidas, e à medida que alguns/algumas docentes se deparam com tais questões muitas vezes não se sentem capacitados/as e seguros/as para abordar temas que não costumam tratar. Assim em alguns casos na cotidianidade do trabalho docente, as relações de gênero vão sendo construídas e meninas/os vão aprendendo “coisas de meninos” e “coisas de meninas”, porque ser menina é diferente de ser menino.

Metodologia

Para a produção dos dados, com as professoras e o professor utilizamos para esta investigação a análise de suas narrativas. Diante disso, utilizamos as contribuições de Jorge Larrosa (1996), que entende as narrativas – textos, falas, desenhos etc. – como modalidade discursiva, ou seja, uma forma de discurso, na qual as histórias que contamos e as que ouvimos, produzidas e mediadas no interior de determinadas práticas sociais, passam a construir a nossa história.

Utilizamos como estratégia metodológica, entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas e transcritas, e que tem como objetivo a investigação e problematização com três professoras e um professor da Educação Básica, de uma escola pública de tempo integral localizada na periferia do município de Rio Grande, com a intenção de saber como estes/as docentes têm percebido, discutido e tratado as questões de gênero no espaço escolar e nas suas práticas pedagógicas diárias. Para tanto, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio, em que dez questões norteadoras relacionadas ao tema gênero compuseram a entrevista com as três professoras e o professor: Quais teus entendimentos sobre gênero? Durante a tua formação acadêmica tiveste contato com esta discussão? Achas importante discutir gênero na escola? Por quê? De que maneira essa temática poderia (pode) ser abordada? Tens realizado





essas discussões em teu planejamento? De que forma? Te utilizas de algum artefato? Quais? Como percebes as relações de gênero na escola que atuas? Como percebes (se percebes) atitudes, ações discriminatórias relacionadas ao gênero no espaço escolar? Como compreendes a inserção das temáticas de gênero no espaço escolar (currículo, PPP, por exemplo)? e Tens conhecimento da legislação, que ampara essa discussão nas instituições educacionais?

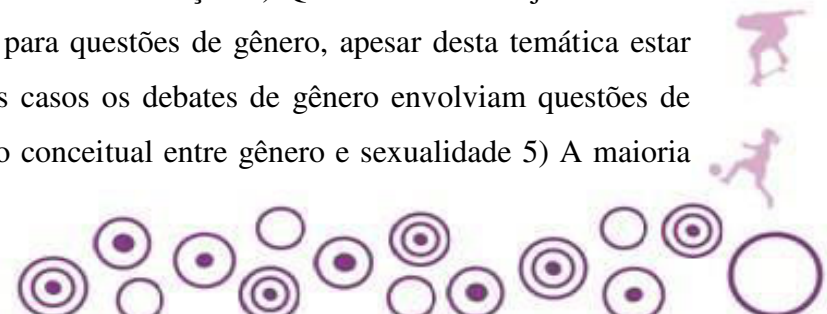
A estratégia de análise consistiu em “olhar”, nas narrativas das professoras e do professor, o que emergiu no decorrer da entrevista, entretanto, não consideramos que o que as/o entrevistadas/o narraram representa a totalidade do que queriam dizer, pois, como diz Larrosa (1996), “as narrativas pessoais se produzem e se medeiam em diferentes contextos sociais e com diferentes propósitos”.

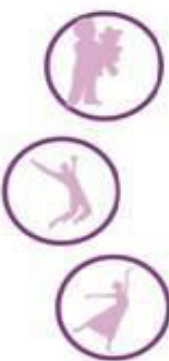
A escolha por quatro professores/as da rede básica de ensino – sendo três mulheres e um homem – de uma única escola pública municipal deve-se ao fato desta ser uma instituição escolar de tempo integral do município, a qual os/as alunos/as ficam um período maior no espaço escolar, e por também fazer parte do projeto Escolas Promotoras da Igualdade de Gênero, projeto desenvolvido em parceria com o Grupo de Estudos de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE (FURG), que tem como objetivo apoiar as escolas das redes estadual e municipal da Educação Básica do Rio Grande/RS que tenham interesse em desenvolver ações para a promoção e a reflexão acerca da igualdade e equidade dos gêneros com vistas à construção de estratégias que resultem na redução dos indicadores de desigualdades, ao mesmo tempo, em que busquem dar visibilidade ao tema, atualmente o projeto conta com 20 escolas parceiras do município.

Desta forma, a escola em questão torna-se uma das que resiste frente à criação de políticas municipal que tentam impedir, que as escolas do município bem como seus/as docentes tratem de questões como a de gênero durante suas práticas pedagógicas.

Conclusões

A partir da análise das narrativas das professoras e do professor aqui apresentadas, podemos perceber alguns aspectos: 1) Não há um entendimento claro em relação a gênero por parte das entrevistadas e do entrevistado 2) Que a maioria só trabalha as questões de gênero na sala de aula quando surge algum problema em relação 3) Que não há no Projeto Político Pedagógico de suas escolas um espaço para questões de gênero, apesar desta temática estar presente no currículo 4) Que em alguns casos os debates de gênero envolviam questões de sexualidade, havendo inclusive confusão conceitual entre gênero e sexualidade 5) A maioria





dos/das participantes da pesquisa desconhece a legislação que ampara a discussão da temática nas instituições escolares 6) Existem escolas em que ações práticas estão sendo realizadas, sendo promotoras da discussão de gênero, sendo a escola das entrevistas e do entrevistado uma delas e 7) É necessário que os cursos de graduação em licenciaturas abordem tal discussão.

Essas e outras observações levantadas, a partir da análise narrativa das entrevistadas e do entrevistado nos possibilitam pensar muitos pontos sobre como a questão de gênero está presente nas práticas pedagógicas dessas e desse docente, neste espaço escolar em específico, e a emergência da pesquisa como um todo, para que possamos refletir essa e outras questões que suscitaram deste trabalho.

Com isso, as análises narrativas evidenciaram, de modo geral, que é necessário preparar ainda na graduação os/as docentes para a reflexão sobre as questões de gênero na sociedade em geral e na escola em particular, a fim de que promovam uma educação democrática e inclusiva, sem preconceitos nem discriminações. Pois, constatamos durante a pesquisa que, no que concerne a formação dos/as professoras/as há uma lacuna quando se trata dessa questão, e é imprescindível que os/as professores/as estejam preparados/as, aptos/as para lidar com esta discussão, que também atravessa o espaço escolar contemporâneo.

Referências

GUIZZO, Bianca Salazar. **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Ed. Ulbras, 2013, p.29.

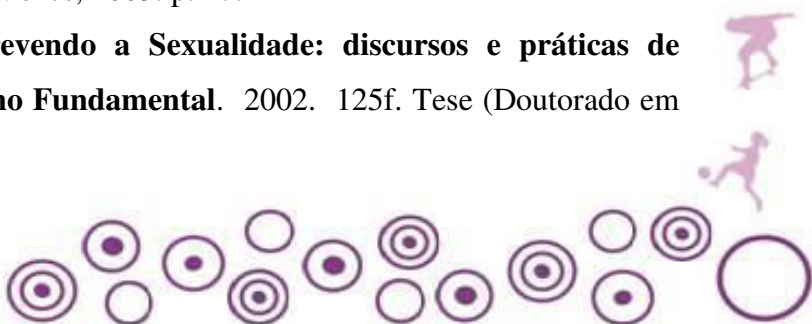
LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: LARROSA, J. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 9. ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

MEYER, Dagmar E. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 17.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a Sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2002. 125f. Tese (Doutorado em





Ciências Biológicas: Bioquímica), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, 1995. p. 89.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

